

A Mesa da Palavra explicada

Diácono José Luís

Domingo V do Tempo Pascal - Ano C – 18.05.2025

1ª leitura – Atos 14, 21b-27

Salmo – Salmo 144

2ª leitura – Apocalipse 21,1-5a

Evangelho – João 13, 31-33a.34-35

Irmãos e irmãs na fé em Jesus Cristo, nosso Senhor.

Vivemos hoje o V Domingo da Páscoa. Nos últimos 4 Domingos, ouvimos nos Evangelhos Jesus apelar ao reforço da nossa fé, à coragem e à confiança. Garantiu-nos na semana passada que Ele é o Bom Pastor que nunca abandona as suas ovelhas mas que as defende até à morte.

Hoje começamos por escutar uma passagem dos Actos dos Apóstolos.

Paulo e Barnabé, animados pelo Espírito viajam pelo Sul da Ásia entre os anos 45 e 49 e fundam várias comunidades cristãs. Arriscando a vida, regressam de novo por essas cidades.

Há dois aspectos importantes neste texto:

- um, a constituição de responsáveis, os anciãos, os presbíteros, pela imposição das mãos. Um gesto apostólico que perdurou no tempo até hoje.

- outro aspecto, o de que o Reino de Deus implica tribulações. Não quis S. Paulo afirmar que a vida do cristão se reduz ao sofrimento, mas que o cristão não está imune ao mal e aos riscos.

A vida de toda a humanidade, e por isso também a dos cristãos, desenrola-se no meio de dificuldades.

Algumas são naturais e intrínsecas à nossa condição finita, de criaturas. Outras dificuldades somos nós que as criamos pelas nossas opções e escolhas.

O que importa é que todos, cristãos e não cristãos não tenhamos medo mas confiança e coragem.

O mundo é obra de Deus e Ele nunca nos abandona.

Na Leitura II, no final do Livro do Apocalipse, S. João fala-nos da vitória final do bem sobre o mal e do fim de todo o sofrimento, pela renovação de todas as coisas. Um novo Céu e uma nova Terra.

No Evangelho, encontramos-nos no final da Última Ceia. Após ter lavado os pés aos discípulos e depois de Judas ter saído para O entregar, Jesus apercebe-se que os acontecimentos que acabaram de viver e os que se preparavam, deixaram os Apóstolos confusos. Então diz-lhes: “Filhos, amai-vos uns aos outros (...)”.

É um resumo de tudo o que lhes tinha ensinado. É um apelo urgente a poucas horas da Sua paixão. É a última oportunidade para os fazer entender a Sua vinda e a Sua mensagem.

Jesus está a despedir-se e insiste no que considera ser mais importante.

Infelizmente, nem sempre as coisas aconteceram como Jesus pediu. Passados dois milénios continuamos a entender mal, a maior parte das vezes, o apelo de Jesus.

Na história, algumas vezes afirmamo-nos como os únicos a conhecer a vontade de Deus, quase sempre coincidente com a nossa e com a missão de a defender, como se Ele precisasse de alguém que O defenda ! Acabamos sempre mal, pior e mais afastados d’Ele.

Mas também ao longo do tempo, houveram muitos homens e mulheres que ingenuamente procuraram viver como o Senhor. São os Santos ! Mas eram precisos mais.

“Nisto conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros”

Temo-nos preocupado com coisas que nos parecem mais urgentes: a organização da Igreja, o seu desempenho , a sua diplomacia e os seus negócios. A pureza e a uniformização da doutrina. A criação de categorias entre os cristãos, a definição e a atribuição de poder e responsabilidade.

Estas nossas preocupações serão porventura importantes. Mas não são o mais importante.

O que é amar como Jesus amou ?

À primeira vista é óbvio, mas depois começamos a encontrar dificuldades.

A primeira dificuldade é o tempo. Vivemos a correr, não temos tempo para nada. Gostávamos de dar um pouco mais de tempo a Deus, (afinal é Ele que no-lo dá e quando sentimos que Ele também o pode tirar, passamos logo a ter muito tempo para Ele), de ter tempo para nós, mas a nossa vida ocupa-nos cada vez mais. Agora nem ao fim de semana paramos. A pouco e pouco, também o nosso coração encolhe, como o tempo, endurece e fica tomado pelas preocupações que gostaríamos de evitar.

Temos de reconhecer o valor efectivo de cada coisa e de cada um à nossa volta. Dar a cada momento da nossa vida o tempo correcto. E mesmo que seja pouco, que seja bom. E o tempo dedicado a Cristo, a conhecer a Sua mensagem, a moldar a nossa vida por ela para que vejamos que vale a pena segui-Lo deve ser um tempo bom. Não apenas o que resta.

Outra dificuldade é a miséria, a pobreza.

A nossa mentalidade moderna, competitiva, não entende a pobreza. Achamos que o Estado, as suas instituições, devem resolver esse problema. Afinal pagamos impostos para isso.

A ciência e a técnica, o poder e a riqueza, não aproximam os povos mas aumentam cada vez mais o fosso entre os que esbanjam e os miseráveis. É verdade que o progresso tirou milhões de pessoas da pobreza mas a que custo ? Ambiental, ecológico, relacional, espiritual. Estamos cada vez mais dependentes de poderes que desconhecemos e nos são indiferentes, pensam por nós.

Uma em cada cinco pessoas não tem acesso a água potável. A cuidados de saúde muito menos.

Uma parte do planeta morre de fome, mas outra parte queixa-se de doenças causadas por comer de mais. Apenas por razões de poder económico e político manipula-se o bem comum e exalta-se a liberdade egoísta e efémera.

Dizer que somos cristãos e olhar para isto com indiferença, continuando a aceitar que os governos e as grandes empresas que mandam no mundo permitam esta situação é uma hipocrisia. Não é amar como Jesus amou, não é cuidar como Ele cuidou, não é sentir como Ele sentiu.

Há outro caminho possível.

É tempo de dizer ao Papa, aos bispos, aos presidentes, aos ministros que não pode ser assim. Correndo os riscos e sem descanso.

Foi assim que Jesus fez. Foi assim que Jesus amou.

Ámen

José Luís